

LITTLE ARK (PEQUENA ARCA) E A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO IMÓVEL

Natalia Candido

O presente texto consiste na resenha de uma experiência vivida diante da produção artística *Pequena Arca*, de Choe U-Ram, na qual buscamos analisar o contexto em que a obra está inserida e sua repercussão. Trata-se de uma reflexão crítica sobre o multiculturalismo e como compartilhamos os símbolos com o mundo global.

Interculturalidade; Arte Cinética; Choe U-Ram; Pequena Arca.

Natalia Candido é professora de artes na rede municipal, e atualmente está cursando o doutorado no Programa de Pós-graduação em História da Arte-UERJ. Contato: nataliacandido@gmail.com

Pequena Arca é uma escultura cinética construída com mecanismos da aço e papelão em formato de espátulas, que formam remos em cada lado da obra. Possui, também, duas figuras centrais, humanoides, que estão de costas uma para a outra, apontando para lados opostos da sala de exposição. Entre elas, existe uma coluna no formato de um farol. As duas estátuas são brancas, enquanto os materiais da engrenagem são pretos e os remos de papelão, cinzas. A representação da produção artística se assemelha às embarcações dos fenícios — as birremes, que possuem dois níveis de remos em cada lado —, que foram os primeiros desbravadores a se especializarem na área de navegação e comércio durante a Antiguidade. Sendo atribuída também aos egípcios, as birremes foram operadas por ambos os povos.

Essa exposição, cuja autoria pertence ao artista Choe U-Ram, aconteceu no Museu Nacional de Arte Moderna e Contemporânea (MMCA) em Seul, Coreia do Sul, e faz parte da exibição MMCA Hyundai Motor Series 2022, um projeto da empresa Hyundai Motors que visa o amparo e promoção de artistas locais.



Fig. 01:
U-RAM, Choe.
Pequena Arca.
2022. Caixas
de papelão
recicladas,
material
metálico, motor,
dispositivo
eletrônico.
Dimensões
variáveis
Fonte da
imagem: Acervo
pessoal da
autora.

Seu objetivo simbólico é nos convidar a observar os corpos robóticos como uma experiência estética impressionante e gigante, objetos que criam uma admiração pelo tamanho colossal da escultura. Os mecanismos têm horário para acontecer e, quando ativados, criam sons estridentes com suas partes, capturando a atenção dos espectadores: todos ficam paralisados, observando a abertura das hastes subindo e descendo como remos enquanto as duas figuras apontam em direções opostas na sala como se perguntassem “qual é a saída?”. O corpo humanoide reinventado através

dos meios ficcionais e tecnológicos do trabalho aqui apresentado é uma representação em relação ao corpo e os desejos de ir em uma direção que não sabemos qual é. Estariam os corpos apontando para nós ou para a saída? Essa saída existe?

O movimentar-se das hastes, o agir desse corpo e as relações e reações causam a sensação de liberdade dos valores impostos, um ser criado que percorre vivências. O gesto que recolhe e cria através da sua breve presença; pós-humano que se auto recria atravessado pela sua literatura e reivindica sua posição criadora.

A produção artística nos instiga a pensar e questionar sobre como a Coreia do Sul em si se estabelece economicamente. Sabemos que até

meados do século XX, depois de ter sido devastado, colonizado e escravizado pelos japoneses e separado durante a Guerra das Coreias a partir da disputa de poder entre os Estados Unidos e a China, o país viveu uma questão profunda sobre hierarquia e classe, em um cenário onde pequenos grupos familiares controlam e investem em tecnologia — um segmento que foi importante para o crescimento do país ao decorrer dos anos 60 e 90 e garantiu a riqueza e prosperidade do país.

As duas imagens na obra nos fazem refletir sobre a dificuldade que nasce a partir da tomada de uma decisão; o quão difícil seria equilibrar desejos tão díspares de ambas as lideranças, a dificuldade de encontrar um poder que alcance um equilíbrio quando este está dividido.

Como forças antagonistas entre si podemos entender como este navio cinético, que não segue em nenhuma direção, introduz a ideia das forças es-

téticas apolíneas e dionisíacas como formas de compreender a natureza da arte e da cultura. Essas forças representam duas tendências opostas que existem na arte e na cultura: a apolínea, associada à razão, à ordem, à harmonia e beleza, se manifesta na escultura através da forma, do equilíbrio e da proporção na construção do navio; a parte dionisíaca é associada ao instinto, à paixão, à emoção e desordem. Ela se manifesta na arte através do ritmo, da música que causa estranhamento junto do som esganiçado do aparelho que ativa a escultura, sendo capaz de unir essas duas forças em uma síntese harmônica, unindo as duas tendências opostas que coexistem nesta produção, convergindo-as em uma síntese harmônica, expressando a verdadeira natureza da vida.

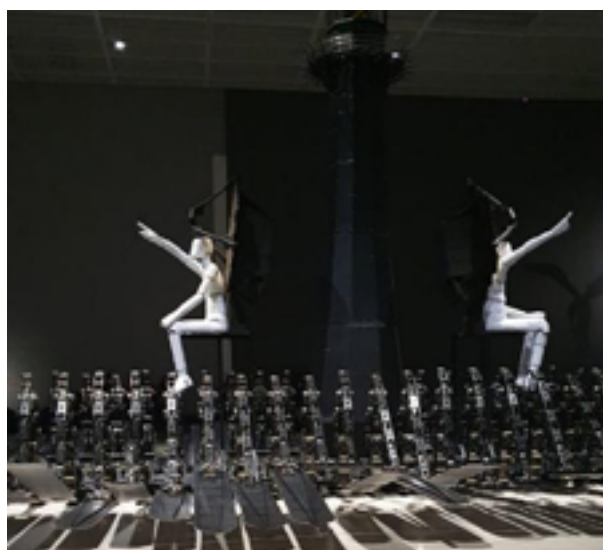


Fig. 02:
U-RAM, Choe.
Pequena Arca.
2022. Caixas
de papelão
recicladas,
material
metálico, motor,
dispositivo
eletrônico.
Dimensões
variáveis
Fonte da
imagem: Acervo
pessoal da
autora.

Recentemente, o mundo foi afetado pela pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, provocando várias divergências sobre quais procedimentos eram necessários para a contenção de contágio. A arte composta para essa exibição pode ser vista como uma alegoria para as decisões antagônicas e a profusão de achismos enfrentados a nível mundial sobre a doença acarretada pelo vírus. Apesar do sucesso das medidas adotadas pela Coreia do Sul para conter o surto e a inflação de seu sistema de saúde, existe ali a indagação de qual seriam os rumos acerca do futuro e suas divergências que são expostas através das figuras. Existe, realmente, um caminho a ser seguido?

Vivenciando uma pandemia, temos compartilhado com o grupo maior um aspecto que se torna dividido com outros. A Pequena Arca lida com a difícil tentativa do agenciamento enquanto conceito, transformado em imagem e partilhado com o público que passeia pela ex-

posição; compartilhado através das mídias sociais, como um fruto de seu próprio tempo, a popularidade tanto da obra quanto do artista e sua exposição se devem ao massivo compartilhamento pelas redes no país. Todos transitamos por várias comunidades de ideais e valores, nossas múltiplas identidades culturais estão sempre em negociação no lugar onde vivemos, ligando-se a todos pelo sentimento do coletivo.

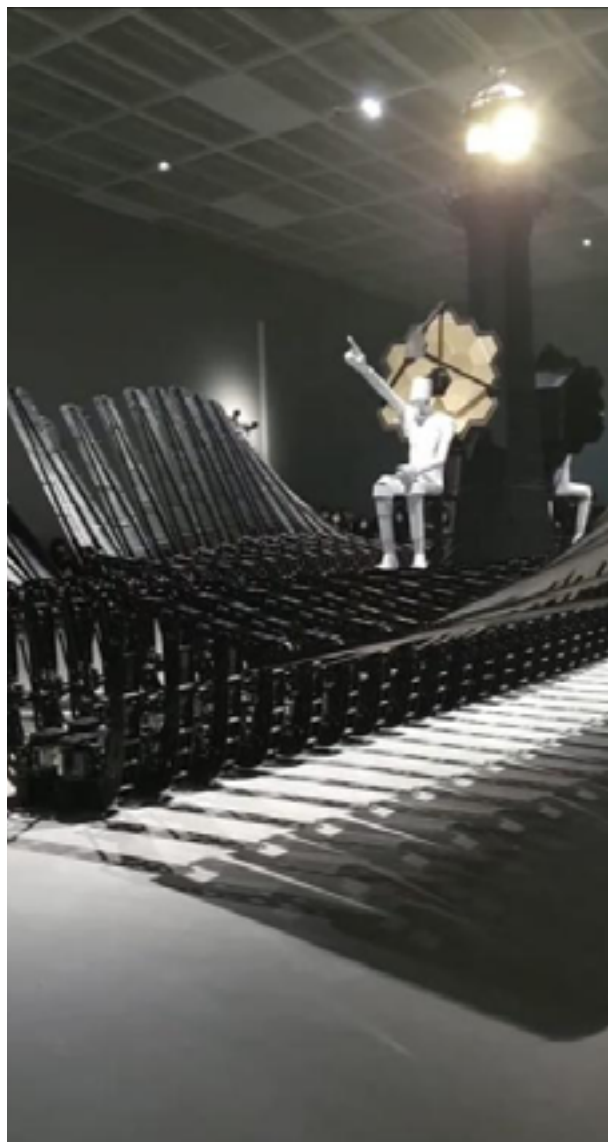


Fig. 03:
U-RAM, Choe.
Pequena Arca.
2022. Caixas
de papelão
recicladas,
material
metálico, motor,
dispositivo
eletrônico.
Dimensões
variáveis
Fonte da
imagem: Acervo
pessoal da
autora.

Ao observarmos o modelo de barco utilizado pelo artista Choe U-Ram para construir a Pequena Arca podemos perguntar, através da exclusão social das camadas marginais da sociedade na tomada de decisão sobre o caminho a ser percorrido, “quem os mecanismos estão representando de forma sensível?”. As engrenagens do sistema capitalista, que faz com que uns poucos tomem as decisões onde os restantes devem acatar, aumentando assim o processo da desigualdade e contribuindo para o aumento da pobreza, criando a polarização social.

As vozes da opressão só vêm mudando de forma, mas sempre existem, como nos processos de escravidão, ou das castas inferiores na Índia ou através dos que não possuíam “raça pura” e muitos outros exemplos. Segundo Stuart Hall, o reconhecimento de uma origem comum e a sua partilha por grupos dão nome ao que chamamos de identificação:

é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal

(HALL, 2014, p. 106)

Na Pequena Arca, podemos ver a ondulação do sistema de espátulas indo e vindo em direções opostas sem saber exatamente para onde ir; uma metáfora para as discussões sobre o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa e é volúvel, ancorando-se a múltiplas manifestações coletivas, atravessando grupos e se desenvolvendo por auto atribuição, como no caso da

condição étnica atual. Portanto, ao tratarmos de um dos distintivos da identidade —o feminino—, falamos um pouco de cada tipo de sujeito, desenvolvendo a partir da arte observações sobre o discurso do sujeito sociológico e pós-moderno.

O desejo de criar uma voz que protesta pela universalidade de representação da condição humana como modo de unificação como algo único de poder estabelece uma segurança em um caminho desejável

e único. No entanto, o caminho ao mesmo tempo confuso e antagônico da vida social compreende-se como um espaço em permanente processo de "tornar-se": construído a partir do que temos em mãos, podendo existir outras variáveis — não em um sentido único, mas como se fosse um "bolo", com vários ingredientes diferentes que, quando misturados, formam um produto singular como seu resultado.

Logo, como resultado da fragmentação e o processo de dúvida frente a uma crença previamente vivida como unificada e estável, as hastes sofrem por não conseguirem sair do lugar, seguindo em direção a um único rumo com a dubiedade dos comandantes que apontam para lados opostos.

Tal qual o sujeito se expõe na modernidade pós-pandemia, o processo de simbolização pessoal e coletiva em meio aos agenciamentos que são feitos em suas paisagens sociais não mais o asseguram, deslocado na experiência vivi-

da dentro da dúvida e incerteza que, neste momento, passa a ser questionada enquanto nossas projeções das duas figuras centrais na escultura tornam-se variáveis e problemáticas. A partir desse momento, a indecisão e o conflito causam a impossibilidade por mudanças estruturais e institucionais.

Nesses tempos, onde a globalização nos permite compartilhar imagens e vídeos com diferentes grupos e a arte tenta resgatar e recondicionar o conceito do que partilhamos como pensamento, protesto, revolta e patrulha, nós percorremos o mundo em comunidade e dividimos ideais e valores, com múltiplas identidades culturais sempre em combinação em uma forma de expressar o sentimento de coletividade.

Em síntese, o processo de assimilação da coletividade a partir de aspectos subjetivos em comum é eficaz dentro da esfera simbólica em nos ligar, mas é algo que também traz consigo a exclusão. Nas mais variadas formas, esses que vivem às margens do que é estabelecido vêm sendo um dos problemas correntes do capitalismo que, com o aumento da desigualdade social, cria a pola-

rização da sociedade. Quando falamos em padrão dentro do sistema econômico vigente, estamos falando de consumo; as vozes da opressão apenas estão mudando de forma, mas sempre existiram dentro de processos como a escravidão e das castas inferiores, tidas como raça impura, como “*expressão designativa de uma pessoa de moral baixa*” (NORBERT, 2000, p. 19).

Contudo, o que apelidamos de “minorias” são grupos que se mantém inferiores em re-

lação ao poder dentro da dinâmica social. Existem vários modos de nomear esses grupos em especial, como Norbert Elias e John L. Scotson fizeram ao chamá-los de “*outsiders*”, e os estabelecidos são aqueles que gozam de privilégios sociais por já estarem dentro do padrão oferecido. São chamados também de “outro”, um termo largamente utilizado na sociologia, em especial pelos teóricos Stuart Hall e Homi K. Bhabha. Usaremos o termo *outsider* para designar o “outro” do mundo capitalista, aquele que o próprio sistema não consegue — e não se esforça para absorver:

o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características ‘ruins’ de sua porção ‘pior’ – de sua minoria anômica. Em contraste, a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais ‘nômico’ ou normativo – na minoria de seus ‘melhores’ membros.

(NORBERT, 2000, p. 23)

No contexto dos movimentos políticos, transformação é tida como elemento ativo na mudança política. Neste momento, há a preocupação em se desfazer da noção antiga e transgredir, enquanto experiência, as formas de como se lidava com essas minorias, necessitando colocar seu valor frente aos dados anteriormente e produzindo, como efeito, a superação do seu próprio tempo. Porém, temos a impossibilidade de:

esquecer que há uma infinidade de processos históricos e situações de interação cotidiana em que marcar a diferença é o gesto básico de dignidade e o primeiro recurso para que a diferença continue a existir.

(CANCLINI, 2015, p. 69)

Essas linhas fora da curva se unem através de identidades muitas vezes impostas pelos estabelecidos, onde cada uma se liga a uma identidade maior, juntas por um bem comum. Com o impulso de transgredir o ideal de pertencimento no mundo, temos o desejo de violar o acometimento básico e essencial da generalidade. A identidade dessas minorias produz um sentido divergente e próprio, não se tornando uma manutenção do antigo. Soma-se, a isso, a observação de como seria formada a identidade a partir da identificação de ideias culturais que coexistem no indivíduo: confrontadas e nem sempre harmoniosas, formam o que o indivíduo se torna.

A lógica desse jogo traça a diferença das fronteiras culturais entre uma região, um pa-

ís, gênero e sexualidade de maneira simbólica. O conceito amplamente utilizado, no entanto, será o posicionamento discursivo e essencialista quando falamos em identidade.

Existe, porém, a coletividade instruída a harmonizar, segurar e assegurar o pertencimento cultural ou a singularidade inalterável que se coloca acima de todos. Com esse ponto de vista, aceitamos que na modernidade tardia as identidades são cada vez mais fragmentadas e dúbias, construções discursivas montadas ao longo das práticas e ações de cada indivíduo, sempre em constante transição e alteração.

Essas indagações ficcionais — quem somos, quem vamos converter, como temos sido e estamos sendo representados e como essa representação afeta a forma com que podemos nos mostrar — formam a criação do discurso que se transforma na narrativa de cada um. Mesmo sendo ficcionais, nossas dúvidas não des-

legitimam as histórias por trás da origem de uma identidade; o espaço simbólico se propõe como um espaço imaginário de construção.

A temática que permeia a produção artística nos capacita a compreender as razões de elementos como a imobilidade e a movimentação, que acontecem simultaneamente na sala de exibição como um estado de crise diante da impossibilidade e da falta de orientação.

Para superar as divergências que surgem quando existem elementos heterogêneos que criam tensões entre si, o equilíbrio só passa a ser adquirido em um jogo ténue entre os envolvidos, que coabitam espaço sem a pretensão de impor sobre o outro. Quando nos reunimos em torno de algo mais importante, a condição de fruir juntos cria elos simbólicos em torno dos prazeres e sofrimentos que compartilhamos em comunhão durante o período pandêmico.

Referências

U-RAM, Choe. **Site Oficial**. Disponível em <http://www.uram.net/eng_new/intro_en.html>. Acesso em 25/02/2023.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** Em: SILVA, Tomaz (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, João Francisco. **Considerações gerais sobre os fe-
nícios**. Em: **Revista de História**, São Paulo, v. 26, n. 54, p. 309-332, 1963. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/121967>>. Acesso em 17/03/2023.

MOURA, C. F. L.; XAVIER, M. G. P.; SILVA, A. R. C. **As fontes de crescimento econômico e uma análise empírica da economia da Coreia do Sul**. Em: **Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 97-107, jul./dez. 2011. Disponível em <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7427>>. Acesso em 17/03/2023.

ROSSI, Thais Regis et al. **A resposta da Coreia do Sul à pandemia de COVID-19: lições aprendidas e recomendações a gestores**. Em: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, jan. 2022. Disponível em <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1623/a-resposta-da-coreia-do-sul-a-pandemia-de-covid-19-licoes-aprendidas-e-recomendacoes-a-gestores>>. Acesso em 18/03/2023.

GONTIJO, Fernanda Belo. **O Apolíneo e Dionisiaco como Manifestações da Arte e da Vida**. Disponível em <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Arquivos/Fernanda_Belo_Gontijo_O_Apolineo_e_Dionisiaco_como_manifestacoes_da_art.pdf>. Acesso em 18/03/2023.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000

Museu de Arte Contemporânea da Coreia do Sul. Disponível em: <<https://www.mmca.go.kr/eng/exhibitions/exhibitionsDetail.do?exh-Flag=1>>. Acesso em 25/02/2023.

CANCLINI, Nestor G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

Round Table: estátua móvel de Choe U-ram ganha atenção nas redes sociais. Disponível em <<https://www.obrasdarte.com/round-table-estatua-movel-de-choe-u-ram-ganha-atencao-nas-redes-sociais/>>. Acesso em 25/02/2023.

Choe U-Ram: Little Ark. Disponível em <<https://www.e-flux.com/announcements/483822/choe-u-ram-little-ark/>>. Acesso em 25/02/2023.

SUCUPIRA, Ana Carolina. **Tipos de navios, suas classificações e terminologias**. Disponível em: <<https://portogente.com.br/portopedia/92847-tipos-de-navios-e-sua-classificacoes-e-terminologias>>. Acesso em 17/03/2023.

MESQUITA, João. **Egípcios e a navegação, potência marítima ao tempo dos faraós**. Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/egipcios-e-a-navegacao-potencia-maritima-ao-tempo-dos-faraos/>>. Acesso em 17/03/2023.

MESQUITA, João. **Os fenícios grandes navegadores da antiguidade**. Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/os-fenicios-grandes-navegadores-da-antiguidade/>>. Acesso em 17/03/2023.